

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

# ANTOLOGIA GREGA

## EPIGRAMAS VOTIVOS E MORAIS (LIVROS VI E X)

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO  
CARLOS A. MARTINS DE JESUS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Versão integral disponível em [digitalis.uc.pt](https://digitalis.uc.pt)

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

**ESTRUTURAS EDITORIAIS**  
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

**DIRETORAS PRINCIPAIS**  
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares  
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva  
Universidade de Coimbra

Maria do Céu Fialho  
Universidade de Coimbra

**ASSISTENTES EDITORIAIS**  
EDITORIAL ASSISTANTS

Nelson Ferreira  
Universidade de Coimbra

**COMISSÃO CIENTÍFICA**  
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte  
Universidade de São Paulo

Frederico Lourenço  
Universidade de Coimbra

Aurelio Pérez Jiménez  
Universidad de Málaga

Joaquim Pinheiro  
Universidade da Madeira

Graciela Zeccin  
Universidade de La Plata

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen  
Universidade de Oviedo

Fernanda Brasete  
Universidade de Aveiro

Jorge Deserto  
Universidade do Porto

Fernando Brandão dos Santos  
UNESP, Campus de Araraquara

Maria José García Soler  
Universidade do País Basco

Francesc Casadesús Bordoy  
Universitat de les Illes Balears

Susana Marques Pereira  
Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS  
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

# ANTOLOGIA GREGA

## EPIGRAMAS VOTIVOS E MORAIS (LIVROS VI E X)

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

CARLOS A. MARTINS DE JESUS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Versão integral disponível em [digitalis.uc.pt](http://digitalis.uc.pt)

TÍTULO TITLE

Antologia Grega. Epigramas votivos e morais (livros VI e X)  
Greek Anthology. Votive and ethical epigrams (book VI and X)

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

TRANSLATION FROM THE GREEK, INTRODUCTION AND COMMENTARY

Carlos A. Martins de Jesus

ORCID

0000-0002-8723-690X

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press  
[www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

Contacto CONTACT

[imprensa@uc.pt](mailto:imprensa@uc.pt)  
Vendas online Online Sales  
<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento Printed by

KDP

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-1629-2

ISBN Digital

978-989-26-1630-8

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1630-8>

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, DA TECNOLOGIA  
E DA UNIVERSIDADE  
POCI/2010



Obra publicada no âmbito do projeto  
- UID/ELT/00196/2013.

© novembro 2018

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Classica Digitalia Vniversitatis  
Conimbrigensis  
<http://classica.digitalia.uc.pt>  
Centro de Estudos Clássicos e  
Humanísticos da Universidade de  
Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

ANTOLOGIA GREGA.  
EPIGRAMAS VOTIVOS E MORAIS (LIVROS VI E X)  
GREEK ANTHOLOGY. VOTIVE AND ETHICAL  
EPIGRAMS (BOOK VI AND X)

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR  
TRANSLATION, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY  
Carlos A. Martins de Jesus

FILIAÇÃO AFFILIATION  
Universidade de Coimbra University of Coimbra

RESUMO

O livro VI da *Antologia Grega* inclui 358 epigramas votivos, peças pouco extensas que, destinadas a ser gravadas ou exercícios poéticos sobre um modelo mais antigo, expressam as razões da oferenda a uma divindade de objetos do dia-a-dia do indivíduo que os dedica. Simplicidade e sinceridade são os termos que melhor resumem a maioria destes textos.

Quanto ao livro X, já apelidado *livro de Páladas* pelo elevado número de composições desse poeta nele incluídas, contempla 126 epigramas que devem ler-se como ponto de chegada de uma tradição antiquíssima de poesia gnómica e moralizante. Oscilam estas composições entre o mais luminoso dos otimismo e o mais extremo pessimismo, pesando o prato da balança, com distinção, para o último.

PALAVRAS-CHAVE

Antologia Grega, Epigrama, poesia votiva, poesia moral

ABSTRACT

Book five of the *Greek Anthology* gathers 358 votive epigrams, usually short pieces that, rather intended to be engraved or exercises upon an older model, inform about the reasons for the dedication of everyday-life objects of those who dedicate them. Simplicity and honesty are the words that better resume most of these texts.

As for book X, already called *Book of Palladas* given the large number of poems by him that it includes, it gathers 126 epigrams that are to be read as the result of a very old tradition of gnomic and moralizing poetry. Shining optimism and obscure pessimism are the two poles one can find in these texts, with a clear preference for the last one.

KEYWORDS

Greek Anthology, Epigram, votive poetry, ethic poetry

## AUTOR

Carlos A. Martins de Jesus é doutorado em Estudos Clássicos (especialidade de Literatura Grega) pela Universidade de Coimbra, desenvolvendo à data uma investigação de Pós-doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia sobre a *Antologia Grega* (transmissão e tradução). Tem publicado um conjunto amplo de trabalhos, entre livros e artigos em revistas da especialidade, a maior parte dos quais dedicados à poesia grega e à sua tradução para português. Assinou a tradução das obras de diversos autores gregos (Arquíloco, Baquilides, Ésquilo, Aristófanes, Plutarco, entre outros), além de trabalhar continuamente na direção de teatro de tema clássico, em Portugal e Espanha.

## AUTHOR

Carlos A. Martins de Jesus has a PhD in Classical Studies (speciality of Greek Literature) by the University of Coimbra, and is currently working on a postdoctoral research founded by the Fundação para a Ciência e Tecnologia, on the *Greek Anthology* (transmission and translation). He has a large record of published works, both books and papers in periodical publications, mostly devoted to Greek poetry and its translation into Portuguese. He is the author of the Portuguese translation of several Greek authors' works (Archilochus, Bacchylides, Aeschylus, and Plutarch, among others), besides working continuously on classical theatre direction, both in Portugal and Spain.

Volume editado no âmbito do Pós-doutoramento em Estudos Literários financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, IP e pelo POPH.



(Página deixada propositadamente em branco)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
1. A <i>Antologia Grega</i>	11
2. Epigramas votivos (livro VI)	14
3. Epigramas morais (livro X)	17
BIBLIOGRAFIA	20
EPIGRAMAS VOTIVOS (LIVRO VI)	23
EPIGRAMAS MORAIS (LIVRO X)	151
ÍNDICE DE EPIGRAMATISTAS	187

pois salvou-o, em dia ardente, da sede odiosa.  
Mostrou-lhe a água que buscava, cantando oportuna  
desde um vale húmido com a sua boca anfíbia.  
[Não se desviando desta voz que o guiava, o caminhante  
encontrou a bebida das doces fontes que desejava.]<sup>40</sup>

#### 44. ANÓNIMO, OU DE LEÓNIDAS DE TARENTO

*Dedicatória do agricultor Herónax*

Aos Sátiros que bebem vinho novo, e a Baco que planta vides,  
Herónax consagrou as primícias da sua vinha,  
estes três jarros cheios até cima com vinho  
que produziram os seus três vinhedos.  
Nós, após oferecer o devido a Baco da cor do vinho  
e aos Sátiros, mais do que os Sátiros beberemos.

#### 45. ANÓNIMO

*Dedicatória a Dioniso do agricultor Comaulo*

Este ouriço peludo, com pele de afiados agulhões,  
o cata-uvras ladrão de vinhedos adocicados,  
achando-o enrolado numa bola entre os racimos,  
Camaulo o pendurou, vivo, para Brómio<sup>41</sup>.

---

<sup>40</sup> O último verso, omitido por **P**, foi acrescentado à margem por um corretor do manuscrito, e foi como tal considerado espúrio por Page (1981: 180).

<sup>41</sup> Um dos epítetos de Dioniso. Outra versão do mesmo episódio pode ler-se no núm. 6.169, também anónimo.

## 46. DE ANTÍPATRO DE SÍDON

*Dedicatória a Atena do soldado Ferenico*

A que foi o primeiro arauto de Eniálio<sup>42</sup> e da Paz,  
 a que de sua boca vertia o bárbaro acento,  
 esta trompeta de bronze, como oferenda Ferenico  
 dedicou a Atena, renunciando à guerra e ao altar<sup>43</sup>.

## 47. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

*Dedicatória a Atena de Bito*

Esta lançadeira amiga de canções<sup>44</sup> Bito dedicou  
 a Atena, instrumento de um ofício miserável,  
 e disse: “Salve, deusa; aqui tens! Eu, uma viúva  
 que atingiu já a quarta década de vida,  
 renuncio aos teus favores e em troca apego-me às obras  
 de Cípris – vejo que o desejo supera a idade!

## 48. ANÓNIMO

*Sobre o mesmo assunto*

Esta lançadeira amiga do trabalho, Bito dedicou  
 a Atena, instrumento de um ofício miserável,  
 mulher aborrecida de todas as penas da tecelagem  
 e das terríveis preocupações dos teares.  
 E disse a Atena: “Apego-me às obras de Cípris,

---

<sup>42</sup> Epíteto de Ares. O verso deve ler-se como “arauto da guerra e da paz”, ambas deificadas.

<sup>43</sup> Por “altar” podem entender-se os vários contextos religiosos, entre os quais cabem espetáculos teatrais, nas quais a trompeta era parte integrante dos sacrifícios.

<sup>44</sup> Parte do tear; vd. núm. 6.39.5.

aportando contra ti o voto de Páris<sup>45</sup>.

#### 49. ANÓNIMO

*Dedicatória para Píton<sup>46</sup> de Aquiles<sup>47</sup>*

Sou uma trípole de bronze, fui dedicada em oblação a Píton,  
 e Aquiles me instituiu como prémio em honra de Pátroclo<sup>48</sup>;  
 mas foi Diomedes, o filho de Tideu de valente grito, que me  
 [dedicou,  
 ao vencer a corrida de cavalos nas margens do vasto  
 [Helesponto.

#### 50. DE SIMÓNIDES

*Sobre um altar erigido para Zeus*

Os Helenos, pelo poder da Vitória e com a ajuda e Ares,  
 [confiantes no impulso corajoso do seu coração,]  
 ao vencerem os Persas ergueram, sinal da Hélade libertada,  
 este altar<sup>49</sup> em honra de Zeus Libertador.

---

<sup>45</sup> Páris, no Ida – quando ainda era um pastor e não o príncipe de Troia – teve que decidir a qual das três deusas (Afrodite, Atena e Hera) concedia a maçã de ouro, símbolo da beleza suprema. Optou, como se sabe, pela primeira.

<sup>46</sup> O santuário de Delfos, nomeado a partir do epíteto de Apolo, seu patrono.

<sup>47</sup> Falso. Trata-se de Diomedes, como anunciado no v. 3.

<sup>48</sup> I.e., como prémio pelos jogos celebrados por ocasião das suas exéquias. As corridas a que aludem os versos seguintes, das quais foi vencedor Diomedes, são contadas em *Iliada* 23.262-650.

<sup>49</sup> Trata-se do altar que os Gregos terão erguido a Zeus Libertador (*Eleutherios*) após a batalha de Plateias (cf. Pausânias 9.2.5; Plutarco, *Da malícia de Heródoto* 42, *Aristides* 19). O texto deve ter conhecido diferentes tradições textuais, sendo que seguimos, para a tradução, a edição de Page (1981).

## 51. ANÓNIMO

*Dedicatória de Aléxis*

Reia<sup>50</sup>, minha mãe, tu que alimentas os leões Frígios,  
 e por quem os iniciados pisam o monte Dídimo!  
 O efeminado Aléxis dedicou-te a causa do seu delírio,  
 tendo renunciado à loucura das forjas de bronze<sup>51</sup>:  
 os címbalos de agudo som e o clamor das suas flautas  
 de pesado soar, às quais deu forma o corno elítico  
 do bezerro, os tambores sonoros, as espadas vermelhecidas  
 de sangue<sup>52</sup> e a loira cabeleira que antes agitava.  
 Compadece-te, senhora, e o que em jovem se enfurecia  
 cura-o agora, já velho, da selvajaria de outrora.

## 52. DE SIMÓNIDES

*Dedicatória a Zeus de um soldado*

Repousa assim, longa lança minha, encostada a alta coluna,  
 e fica aí consagrada a Zeus de todos os oráculos<sup>53</sup>.  
 Envelheceu já o teu bronze e a tua ponta está agora gasta  
 de tanto ser brandida em combates mortíferos.

## 53. DE BAQUÍLIDES

*Dedicatória ao vento Zéfiro de um agricultor*

Eudemo este altar em seu campo dedicou  
 ao mais fértil dos ventos, Zéfiro<sup>54</sup>;

<sup>50</sup> Ou Geia (a Terra). Na época romana, Reia, filha da Terra, tinha sido assimilada a Cibele, que tinha no monte Dídimo o seu principal centro de culto.

<sup>51</sup> I.e. aos afazeres bélicos.

<sup>52</sup> Cf. núm. 6.94.5 (com nota), 217 (nota ao lema) e 218.1.

<sup>53</sup> No original, *Panomphaios*, epíteto homérico.

<sup>54</sup> O Zéfiro, originalmente, é o vento do oeste, o mais ameno e propício para as distintas atividades humanas. Cedo passou a usar-se com o sentido geral de vento, surgindo mesmo no plural (cf. infra, núms. 6.290.4, 349.4; 10.1.2, 13.3, 14.5, 15.1).

pois, invocado, veio propício para que logo  
pudesse debulhar o grão das maduras espigas.

#### 54. DE PAULO SILENCIÁRIO

*Dedicatória a Apolo do citaredo Eunomo*

Esta cigarra de bronze pendura para o deus Licório<sup>55</sup> o Lócrio  
Eunomo, recordação do concurso em que foi coroado.  
Era uma competição de lira; por rival estava Partes<sup>56</sup>.

Então, quando a concha<sup>57</sup> Lócria foi tocada pelo plectro,  
uma das cordas da lira partiu-se, soltando um som rouco.

Porém, antes que a melodia coxeara do seu ritmo afinado,  
cantando docemente uma cigarra veio pousar sobre a lira  
e compensou a nota da corda que estava em falta,  
e o som selvagem que antes costumava chilrear nos bosques  
soube adaptar ao ritmo da música que eu tocava.

Por isso, feliz filho de Leto, te agracia<sup>58</sup> ele com esta cigarra,  
uma cantora de bronze sentada sobre a lira.

#### 55. DE JOÃO BARBÚCULO

*Dedicatória a Afrodite do boieiro Hermófilo*

À Persuasão e à Páfia<sup>59</sup>, leite coalhado e favos de mel das  
[colmeias

dedicou o noivo de Eurínome corada de flores em botão,  
o boieiro Hermófilo. Quanto a vós, dignai-vos aceitar  
o leite coalhado em nome dela, e em meu o mel.

---

<sup>55</sup> Toponímico de Apolo, a partir do nome de uma cidade próxima de Delfos.

<sup>56</sup> Diminutivo de Parténio.

<sup>57</sup> I.e. a lira.

<sup>58</sup> É frequente, nos epigramas votivos, esta oscilação entre a primeira e a terceira pessoa verbais.

<sup>59</sup> Afrodite.

## 56. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

*Dedicatória a Dioniso do agricultor Lenágoras*

Este sátiro coroado de hera e farto de vinho, a Brómio  
 dedicou o varão vinhateiro que é Lenágoras.  
 Com tal cabeça pesada, a pele, a cabeleira, a hera e os frutos,  
 tudo dirias que é bebedeira, tudo cambaleia.  
 Pois a arte, com imagens mudas, imitou a natureza,  
 incapaz que foi a madeira<sup>60</sup> de lhe resistir.

## 57. DE PAULO SILENCIÁRIO

*Dedicatória a Pã de Teucro, o Árabe*

Esta pele de leão, armada com as patas de cinco garras,  
 pendurando-a cortada com a cabeça ensanguentada  
 e boquiaberta num um pinheiro, ta dedicou, Pã de pés de bode,  
 Teucro o Árabe, junto com a sua lança silvestre<sup>61</sup>.  
 Visíveis são ainda os dentes na ponta meio-mordida,  
 na qual a fera libertou a sua fúria rugidora.  
 E as Ninfas das fontes com as dos bosques puseram-se  
 a dançar, já que tantas vezes as tinha assustado.

58. DE ISIDORO, O ESCOLASTA DE BOLBÍTIA<sup>62</sup>

*Dedicatória à Lua de Endímion*

Esta cama que em vão subsiste e o seu cobertor inútil  
 te dedicou, Lua, o teu amigo Endímion,

---

<sup>60</sup> A estátua a que se refere o epigrama seria de madeira, a matéria-prima. Estamos perante uma formulação típica da epigramática efrástica, a de que a matéria (muda) se deixa contaminar pela voz e pelo aspeto vivo do seu referente natural.

<sup>61</sup> Com a qual teria matado a fera.

<sup>62</sup> Deve tratar-se da cidade também conhecida por Bolbitina, no delta do Nilo.



envergonhado; pois as brancas, cobrindo-lhe toda a cabeça,  
não conservam nem rasto do seu brilho de antes.

### 59. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Dedicatória a Afrodite, Atena e Ártemis de Calírroe*

À Páfia as suas grinaldas, a Palas a sua trança  
e a Ártemis a sua cinta dedicou Calírroe.

Pois achou o pretendente desejado, levou uma juventude  
casta e, ao ser mãe, gerou descendência masculina.

### 60. DE PÁLADAS

*Dedicatória a Ísis*

Em lugar de um boi ou oferenda de ouro, a Ísis dedicou  
a Panfilinha<sup>63</sup> as suas tranças brilhantes de perfume.

E a deusa, essa, alegrou-se mais com elas do que Apolo  
com o ouro que dos Lídios Creso<sup>64</sup> enviou ao deus.

### 61. DO MESMO

*Sobre o mesmo*

Ó lâmina divina, lâmina afortunada, com que a Panfilinha,  
cortando os cabelos, dedicou as suas tranças!

Não te forjou em bronze um homem; mais, na fornalha  
de Hefesto, erguendo um martelo de ouro,  
foi a Graça de véu brilhante – como dizia Homero<sup>65</sup> –  
quem te fabricou com as próprias mãos.

---

<sup>63</sup> No original, Panfílion, diminutivo de Pânfila, a mesma mulher do epigrama seguinte.

<sup>64</sup> Heródoto (1.50-51) descreve ao detalhe as trípedes de ouro que Creso, monarca lídio, enviara para Delfos, as quais diz ter visto *in situ*. Esse o assunto implícito também na ode 3 de Baquilides.

<sup>65</sup> E.g. *Iliada* 18.382, sobre a Graça que desposou Hefesto – razão para a menção erudita de Páladas.

## 62. DE FILIPO DE TESSALÓNICA

*Dedicatória às Musas do escriba Calímenes*

O chumbo circular que marca as margens das páginas<sup>66</sup>  
 um canivete para afiar as pontas das canetas,  
 a sua régua mais direita e a pedra-pomes que está à margem,  
 essa pedra porosa e seca que provém do mar,  
 Calímenes, tendo abandonado o seu ofício, às Musas  
 os dedicou, agora que a velhice lhe tapou os olhos<sup>67</sup>.

## 63. DE DAMÓCARIS

*Dedicatória de Menedemo a Hermes*

Um disco de chumbo coberto de negro, pai das linhas,  
 uma régua, vigia rigoroso das canetas,  
 os recipientes do líquido mais negro para escrever,  
 as canas abertas ao meio e bem-talhadas,  
 a pedra rugosa que apara e afia bem as canetas  
 já gastas, com a qual a escrita se torna fina,  
 e um canivete para a cana, ponta de um grande ferro,  
 estes os instrumentos do seu ofício que te dedicou  
 o fatigado Menedemo, nublados os seus velhos olhos, Hermes!  
 E tu, em troca, alimenta sempre o teu servidor!

---

<sup>66</sup> Já usado no final da época clássica, este instrumento auxiliar de escrita voltou a estar em voga no séc. XI. Patton (1916, vol. I: 330-331) considera que seria “um disco de chumbo com ponta afiada que rodaria sobre o seu próprio eixo”.

<sup>67</sup> Deve este epigrama ter servido de modelo à série que encabeça, formada pelos núms. 6.62-68. Junto com esse outro grupo de dedicatórias dos caçadores Dâmis, Cleitor e Pigres (núms. 6.11-16 + 179-187), constitui a maior série epigramática subordinada a um mesmo tema. No caso, terá sido a dificuldade em nomear poeticamente os instrumentos oferecidos em dedicatória – a mesma que sente o tradutor da *Antologia* – que despertou o interesse de sucessivas gerações de epigramatistas.

dedicou-lhe ainda um galo belicoso e um bolo generoso  
 coberto de queijo esse filho de Hegesídico.  
 Apolo! Permite que Cróbilo se transforme num homem,  
 e estende as mãos sobre a sua casa e os seus bens.

### 156. DO MESMO

Esta mecha do seu cabelo jovem, com a sua bela cigarra<sup>157</sup>,  
 [Caristénio] dedicou às virgens Amaríntias<sup>158</sup>,  
 com um boi purificado em água. Qual estrela brilha o moço<sup>159</sup>,  
 como jovem potro que ostenta o primeiro pelo.

### 157. DO MESMO

Ártemis, guardiã das possessões e do terreno de Gorgo,  
 fere com arco os ladrões e protege os amigos!  
 Para ti, Gorgo há de imolar, às tuas portas, o sangue  
 de uma cabra do seu rebanho e uns cordeiros criados.

### 158. DE SABINO, O GRAMÁTICO

A Pá, Bítón dedicou um bode, rosas às Ninfas, a Lieu<sup>160</sup>  
 tirsos – tripla oferenda sob ramos bem floridos.  
 Recebei-os, divindades, com alegria, e aumentai-lhe sempre,  
 Pá o rebanho, as Ninfas a fonte, e Baco a adega<sup>161</sup>.

<sup>157</sup> Um adorno para o cabelo com essa forma, tal como o boi do v. 3.

<sup>158</sup> Em Amarinto, na Eubeia, havia um célebre santuário de Ártemis. As “virgens Amaríntias” devem ser uma invocação, no plural, da própria deusa, protetora das raparigas e tutelar da sua transição para a idade adulta.

<sup>159</sup> O estado textual do epigrama é complexo, e não é sequer claro se quem dedica é do género masculino ou feminino (embora nos tenha parecido mais segura a primeira hipótese). Seguimos, neste como noutros casos, a edição de Gow-Page (1965).

<sup>160</sup> Dioniso (ou Baco).

<sup>161</sup> Exercício poético sobre o núm. 6.154.

### 159. DE ANTÍPATRO DE SÍDON<sup>162</sup>

Eu, que outrora difundia o canto sangrento da guerra  
em combate e o doce acento da paz,  
aqui estou pendurada, Ferenico, para a virgem Tritónida<sup>163</sup>  
o teu presente, findo o meu soar estrepitante.

### 160. DO MESMO

*Dedicatória a Atena de Telesila*

A sua lançadeira<sup>164</sup> matinal que canta a par da voz  
das andorinhas, alcíone dos teares de Palas,  
o seu fuso rodopiante dotado de um peso na ponta,  
muito hábil tecelão dos fios que se enlaçam,  
os novelos e o seu cesto de trabalho amigo da roca,  
guardião dos carros de linhas e novelos de lã,  
a diligente Telesila, filha do honesto Díocles,  
dedicou à virgem tutelar das obreiras da lã.

### 161. DE CRINÁGORAS

*Dedicatória [do cônsul] Marcelo*

Marcelo<sup>165</sup>, regressado do Ocidente carregado de despojos  
de guerra para as montanhas da rochosa Itália,  
por primeira vez cortou a loira barba; isso era o que desejava  
a sua pátria – enviar um rapaz e receber um homem.

---

<sup>162</sup> O epigrama é réplica do núm. 6.46.

<sup>163</sup> Originalmente uma divindade marinha, consorte de Tritão, mais tarde confundida com Atena, por via do epíteto Tritogeneia da última deusa (vd. núm. 6.10.1, com nota).

<sup>164</sup> Cf. núms. 6.39, 47, 48.

<sup>165</sup> Filho de Otávio e sobrinho de Augusto, travou e venceu em 25 a.C. uma guerra contra os Cantábrios, quando ainda não havia cumprido dezoito anos. Morreria pouco tempo depois.

## 162. DE MELEAGRO

*Dedicatória a Afrodite de Meleagro*

Esta oblação, a lamparina cúmplice das suas brincadeiras,  
[Meleagro  
te dedicou, Cípris amada, a iniciada nos teus mistérios  
[noturnos<sup>166</sup>.

## 163. DO MESMO

*Dedicatória*

Qual foi o mortal que pendurou na cornija do meu templo  
estes troféus, prazer desonroso para Eniálio?  
Não há nenhuma lanças aos pedaços, um casco despojado  
de crina, ou um escudo machado pela morte;  
todas elas estão brilhantes, nunca antes atingidas pelo ferro,  
armas que não parecem da batalha, mas dos teatros.  
Com elas decorai um leito nupcial, e que apenas armas  
pingando sangue humano tenha o templo de Ares.

## 164. DE LUCIANO

*Dedicatória de Lucílio*

Por Glauco, Nereu e Melicertes, o filho de Ino<sup>167</sup>,  
pelo Crónida das profundezas<sup>168</sup> e pelos deuses da  
[Samotrácia<sup>169</sup>,

---

<sup>166</sup> Cf. *AP* 5.4, 8 e 191 (do livro dos epigramas eróticos, já traduzido nesta série).

<sup>167</sup> Ino lançara-se com o filho Palémon (ou Melicertes) do alto de uma falésia perto de Mégara, dando o seu corpo à costa, onde foi enterrado, ao passo que o do seu filho teria sido levado por um golfinho até Corinto. Cf. Apolodoro, *Biblioteca* 1.9.2.

<sup>168</sup> Posídon, como Zeus filho de Cronos.

<sup>169</sup> Os Cabiros, normalmente considerados filhos de Hefesto, eram divindades de definição obscura, cultuadas na Samotrácia e também,

eu, Lucílio, salvo das ondas, neste local cortei as tranças  
do meu cabelo – nada além disso eu possuo.

### 165. DE FALICO

#### *Dedicatória a Baco de Evante*

Um pandeiro rodopiante, agulhão que incita o tiaso<sup>170</sup>,  
esta carcaça manchada de uma corça esfolada,  
os címbalos dos Coribantes<sup>171</sup>, sonoros instrumentos de  
[bronze,  
o bastão verdejante de um tirso com cone de pinho,  
o som pesado e oco de um tambor leve e a cesta que levava  
tantas vezes sobre os cabelos presos com diadema  
Evante dedicou a Baco, quando a mão já tremente para tirsos  
passou dedicar ao serviço que não treme dos copos.

### 166. DE LUCÍLIO

#### *Dedicatória a Dioniso de um doente de hérnia*

Uma imagem da sua hérnia Dionísio aqui veio dedicar,  
salvando-se, sozinho, entre quarenta náufragos;  
com ela amarrada às coxas, nadou até à costa.  
Em ocasiões, até ter uma hérnia é uma sorte<sup>172</sup>.

---

entre muitos outros lugares, na Beócia, onde se associavam ao culto de Deméter Cabíria. Cf. Pausânias 9.25.5.

<sup>170</sup> I.e., marca o ritmo do cortejo dionisíaco das bacantes com todo o seu furor.

<sup>171</sup> Celebrantes da deusa Cibele, cujo ritual se assemelhava bastante ao dos celebrantes de Dioniso.

<sup>172</sup> Epigrama que, embora de estrutura votiva, ficaria melhor no livro 11 dos epigramas satíricos.

## 167. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Dedicatória a Pã de Cleonico*

Para ti, deus de pés de bode, para o teu monte junto ao mar  
 é este bode, tu que tutelas ambos tipos de caça<sup>173</sup>!  
 Pois o latir dos cães e a estaca de três pontas tu aprecias,  
 o ofício de montar caçada às lebres velozes,  
 as redes que se lançam às ondas, o pescador de linha  
 esforçado e o cabo dos que a custo sacam as redes<sup>174</sup>.  
 Quem o dedicou foi Cleonico, pois tanto pôde pescar no mar  
 como, muitas vezes, pôr em debandada as lebres<sup>175</sup>.

## 168. DE PAULO SILENCIÁRIO

*Dedicatória ao mesmo de Xenófilo*

Este javali, incansável destruidor das cepas das vinhas,  
 habitante destemido dos canaviais de elevada copa,  
 que tantas vezes rapinava as árvores com a ponta dos dentes  
 afiados ou punha em fuga os cães dos pastores,  
 tendo-o encontrado junto ao ribeiro, de pelo eriçado,  
 acabado de chegar das profundezas da floresta,  
 com o bronze lhe deu morte Xenófilo, e neste carvalho  
 pendurou a pele dessa besta selvagem<sup>176</sup>.

---

<sup>173</sup> A caça, em concreto, e a pesca.

<sup>174</sup> Os dois tipos de pesca: individual (com cana e linha) e com redes lançadas de um barco.

<sup>175</sup> O poeta, aqui e no v. 4, menciona a batida da lebre, ainda hoje prática corrente dos meios rurais, como mais importante do que a sua captura propriamente dita.

<sup>176</sup> Cf. o mesmo tipo de oferenda nos núms. 6.35, 57, 106, 110, 111, 112, 113, 114-116, etc.

### 169. ANÓNIMO

*Dedicatória a Dioniso de Comaulo*<sup>177</sup>

Comaulo, ao ver este ouriço que sobre as costas  
levava uvas, matou-o na eira desta vinha;  
depois o secou e a Dioniso, deus do vinho, dedicou  
esse ladrão dos presentes de Dioniso.

### 170. DE TIILLO

*Dedicatória a Pã*

Para Pã são estes olmos, estes salgueiros altos,  
este plátano sagrado de ampla copa,  
estas fontes e ainda as taças dos pastores a Pã  
são dedicados, remédio para a sede.

### 171. [ANÓNIMO]

*Dedicatória a Hélio de alguns [habitantes vizinhos do Colosso]  
de Rodes*

Só para ti elevaram ao Olimpo este Colosso<sup>178</sup>  
os habitantes da Dória<sup>179</sup> Rodes Hélio,  
em bronze, quando, adormecendo as ondas de Énio,<sup>180</sup>  
coroaram a pátria com os despojos inimigos.  
Não só sobre o mar, mas também na terra lançaram  
a chama brilhante da liberdade que não fenece.  
Pois aos descendentes de Hércules compete, herança  
de seus pais, o domínio sobre o mar e a terra.

---

<sup>177</sup> Vd. núm. 6.45.

<sup>178</sup> Uma das sete maravilhas da Antiguidade, foi mandado construir por volta de 300 a.C. (ou nos primeiros anos do século seguinte) em comemoração da vitória sobre o exército de Demétrio I de Macedónia.

<sup>179</sup> Já na *Iliada* (2.652 sqq.) Rodes havia tido ocupação Dória, por mão de Tleptólemo, um heraclida (cf. vv. 7-8).

<sup>180</sup> Deusa da guerra, considerada mãe, esposa ou filha de Ares.



## 172. [ANÓNIMO]

*Dedicatória a Dioniso de Pórfiris*

Pórfiris de Cnidos, estas grinaldas, este tirso-lança<sup>181</sup>  
 de dupla ponta e este enfeite para o tornozelo  
 – com que desenfreada celebrava as bacanais avançando  
 para Dioniso, os peitos cingidos de pele de veado e hera –  
 pendurou para ti, Dioniso, à entrada do teu templo,  
 os adornos da sua beleza e do seu frenesim.

## 173. DE RIANO

*Dedicatória a Reia de Acrílis*

Acrílis, a sacerdotisa Frígia que debaixo das tochas  
 tantas vezes soltou os seus cabelos sagrados,  
 e outras tantas proferiu da sua boca o grito profundo  
 que entre os Galos por Cibele<sup>182</sup> se faz ouvir,  
 os cabelos dedicou à deusa das montanhas no seu portal,  
 agora que pôs freio ao seu pé ardente de furor.

174. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]<sup>183</sup>*Dedicatória a Atena*

A Palas, três jovens da mesma idade, como a aranha  
 versadas em tecer a teia delicada, dedicaram:  
 Demo a sua cesta bem entrelaçada, Arsínoe o fuso  
 com que fabricava os fios bem retorcidos,  
 e a lançadeira bem construída, rouxinol das tecedeiras,  
 Báquilis, com que separava os fios bem entramados.

<sup>181</sup> Os tirsos começaram realmente por ser lanças adornadas, tendo-se mantido a variedade de tirso com duas pontas, como era o caso de algumas lanças.

<sup>182</sup> Vd. nota ao núm. 6.51.1.

<sup>183</sup> Cf. os núms. 6.39 (de Árquias) e 288-289 (de Leónidas).

Viver sem qualquer censura, isso quis cada uma delas,  
estrangeiro<sup>184</sup>, ganhando a vida com as suas mãos.

### 175. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

*Dedicatória de Alcímenes*

Este cão, experiente em toda a espécie de caça penosa,  
esculpiu-o Lêucon, e Alcímenes o dedicou.  
Alcímenes não achou razão para censura; mas, ao ver  
a escultura, semelhante em tudo ao modelo,  
aproximou-se com uma coleira, e então disse a Lêucon  
que mandasse o cão andar: “faz que ladre!”<sup>185</sup>

### 176. DO MESMO

*Sobre o mesmo assunto*

Este cão, esta sacola e esta lança de caça farpada  
a Pã e às Ninfas Dríades<sup>186</sup> eu dedico;  
o cão, levo-o de volta, vivo, para a minha cabana,  
para ter companhia para os pedaços de pão seco.

### 177. [ANÓNIMO]

*Dedicatória a Pã de Dáfnis*

Dáfnis<sup>187</sup> de tez clara, que com a sua bela flauta entoava  
as músicas dos pastores, isto dedicou a Pã:

---

<sup>184</sup> Ele que passa, vê o ex-voto e lê a dedicatória, estrutura frequente também nos epigramas votivos, embora não tanto como nos funerários.

<sup>185</sup> Epigrama sobre o tópico efrástico da arte muda que, de tão realista, ganha voz e vida.

<sup>186</sup> Literalmente, são ninfas associadas ao carvalho – às florestas, portanto.

<sup>187</sup> Vd. os núms. 6.73 e 78.

a ambos deuses ofendeu? Baco sente-se roubado,  
e Deméter recusa a companhia da bebedeira.

### 258. DE ADAIO

Esta ovelha, Deméter tutelar dos sulcos<sup>305</sup>, esta novilha  
ainda sem cornos e este pão rústico num cesto,  
neste terreno, o mesmo onde joeirou tantos pés de trigo  
e viu as fartas colheitas, Créton sacrificou para ti,  
deusa dos montes de trigo. Em troca, faz com que o campo  
de Créton seja rico em cevada e trigo a cada ano.

### 259. DE FILIPO

– Quem te pôs, Hermes imberbe, na partida da corrida?  
– Hermógenes? – O filho de quem? – Daímenes. – De onde?  
– Da Antioquia. – E porque te rendeu tal homenagem? –  
[Pelo auxílio  
nas corridas<sup>306</sup>. – Quais? – As do Istmo e as de Nemeia.  
– Ele corria? – E venceu. – Venceu quem? – Nove outros rapazes;  
o fulano voava, como se possuísse estes meus pés<sup>307</sup>.

### 260. DE [TÚLIO] GÉMINO<sup>308</sup>

Frine, este Eros bem-talhado provido de asas ofereceu

---

<sup>305</sup> Do arado, i.e., deusa da agricultura.

<sup>306</sup> À letra, “nos estádios”. A prova em causa – cuja estátua ou outra oferenda comemorativa devia ser acompanhada deste epigrama inscrito – era a da corrida individual de rapazes (v. 5), modalidade que Hermógenes terá vencido nos Jogos Ístmicos e nos Nemeus (v. 4).

<sup>307</sup> Na iconografia tradicional, Hermes, o mensageiro de Zeus, tem sandálias apetrechadas de asas.

<sup>308</sup> Réplica de *AP* 16.205 (do mesmo autor).

aos de Téspias, paga das suas artes<sup>309</sup>.  
 A arte de Cípris é um dom invejável, isento de culpa.  
 Para ambos<sup>310</sup> foi Eros a melhor recompensa.  
 Por dupla arte louvo o mortal que, dando aos outros  
 um deus, tinha no peito um mais perfeito.

## 261. DE CRINÁGORAS

A mim, um galheteiro<sup>311</sup> de bronze em tudo igual à prata,  
 obra de Êndico, como presente para a casa  
 do seu melhor amigo, no teu aniversário, filho de Símon,  
 me envia com coração sincero Crinágoras.

## 262. DE LEÓNIDAS

A fera solitária que ataca os estábulos de bois e os boieiros,  
 sem medo sequer dos latidos dos cães,  
 Evalques de Creta a matou, quando pastava o seu rebanho  
 de noite, e neste pinheiro aqui a pendurou.

---

<sup>309</sup> Artes amorosas, porquanto era uma cortesã (cf. vv. 3-4). A história deste Eros de Téspias, recordada por Pausânias (1.20.1-2) ficou famosa: Praxíteles havia prometido oferecer a mais bela das suas obras a Frine, sua amante. Simulando a jovem um incêndio no atelier do artista, este pede que se salvem apenas um *Sátiro* e este *Eros*, terminando ela por eleger a última, só mais tarde oferecida à cidade de Téspias. Sabemos que a estátua foi trazida para Roma por Calígula e devolvida à sua cidade por Cláudio, para de novo ser trazida por Nero à capital do Império, onde teria sido destruída pelo incêndio de 80 (cf. Estrabão 9.2.25; Pausânias 9.27.3; Plínio 36.22). Acredita-se que o *Eros de Farnese*, cópia romana em mármore encontrada em Pompeia, seja próximo do modelo do original de Praxíteles.

<sup>310</sup> Para Frine o Eros estátua, para Praxíteles o eros (amor) dessa mulher.

<sup>311</sup> O original refere um recipiente para guardar o azeite com que se ungiam os atletas, daí a nossa tradução.

### 263. DO MESMO

Soso, rico boieiro, esfolou esta pele de um leão  
cor de fogo, dando-lhe morte com a lança  
quando lhe devorou um bezerro que ainda mamava;  
do estábulo já não voltou para a floresta,  
mas a fera pagou com o seu sangue o sangue do bezerro  
ferido de morte: viu o castigo de matar um boi<sup>312</sup>.

### 264. DE MNASALCAS

Eu, o escudo de Alexandre<sup>313</sup>, filho de Fileu, fui oferecido  
como sacra oferenda a Apolo de dourada cabeleira,  
já envelhecido o meu rebordo pela guerra, já envelhecido  
também o centro; brilho, contudo, com a glória que logrei  
combatendo com o melhor dos homens, que me dedicou.  
Invencível de todo fui desde o meu nascimento.

### 265. DE NÓSSIS

Veneranda Hera, que descendo do céu tantas vezes  
vislumbras o teu templo perfumado de Lacínio<sup>314</sup>,  
aceita esta veste de linho, que para ti, com a filha Nóssis,  
a nobre Teófilis teceu, a filha de Cleoca.

### 266. DE HEGESIPO

Esta Ártemis da encruzilhada<sup>315</sup>, Hageloqueia a vestiu,  
virgem que vive ainda em casa de seu pai,

---

<sup>312</sup> Vd. nota ao núm. 6.228.3.

<sup>313</sup> Cf. núm. 6.128 e nota ao v. 3.

<sup>314</sup> No cabo Lacínio (atual Capo Colonna, na Calábria, próximo a Crotona) havia um templo de Hera.

<sup>315</sup> Ártemis *Trioditis* (“da encruzilhada de três caminhos”), tutelar dos caminhos seguros e dos viajantes, sobretudo à noite, quando há lua.

a filha de Damareto; pois a deusa aparecera-lhe, em pessoa,  
junto à teia do seu tear, na forma de raio de fogo.

### 267. DE DIOTIMO

De tocha na mão, Ártemis salvadora, fica junto ao terreno  
de Pólis, e a tua doce luz oferece a esse homem,  
a ele e seus filhos, que lhes é tão útil – não inutilmente  
se conhece a balança da reta justiça de Zeus.  
E concede às Graças, Ártemis, que correndo por este bosque  
pisem com as delicadas sandálias este tapete de flores.

### 268. DE MNASALCAS

Esta estátua, divina Ártemis, Cleónimo a erigiu para ti,  
[esta aqui; e tu, guarda-lhe a vida afortunada]<sup>316</sup>,  
soberana que aos pés pisa a montanha de trémula folhagem,  
incitando furiosamente os teus cães raivosos.

### 269. À MANEIRA DE<sup>317</sup> SAFO

Jovens: mesmo não tendo voz, respondo a quem pergunte,  
pois esta voz incansável tenho a meus pés<sup>318</sup>:  
“À virgem Etópia<sup>319</sup>, filha de Leto, me dedicou Arista,  
a filha de Hermoclides, filho de Sauneu,<sup>320</sup>

<sup>316</sup> Verso espúrio, cujo menor valor poético se percebe mesmo em tradução.

<sup>317</sup> Cf. núm. 6.273 e AP 12.142. Este tipo de atribuições manuscritas, mais do que a autoria, são apreciações críticas dos copistas, que desta forma identificam um poema escrito como exercício de imitação do estilo de um poeta maior.

<sup>318</sup> Os versos 3-6 poderiam estar inscritos na base da estátua (“a meus pés”) mas também gravados numa estela colocada diante da base.

<sup>319</sup> Epíteto de Ártemis, a partir da localidade homónima na Eubeia.

<sup>320</sup> Verso textualmente muito corrupto; seguimos as correções de Page (1981.I: 183).

a tua sacerdotisa, soberana das mulheres. Favorece-a,  
sê-nos propícia e faz prosperar a nossa raça!”

### 270. DE NÍCIAS

As bandoletas e este véu transparente de Anfarete,  
Ilitia<sup>321</sup>, repousam sobre a tua cabeça,  
pois, nas suas preces, a ti suplicava, durante as dores  
do parto, evitar as tristes deusas da morte.

### 271. DE FÉDIMO

Ártemis! Estas sandálias te dedicou o filho de Ciquésias,  
e a prega modesta das suas vestes Temistodice,  
porque docemente estendeste ambas as mãos sobre ela  
durante o parto, e vieste, soberana, sem o arco<sup>322</sup>.  
Ártemis! Ao filho de Leão, recém-nascido ainda,  
concede que veja crescer o próprio filho.

### 272. DE PERSES

Para ti, filha de Leto<sup>323</sup>, a sua cintura, a túnica florida  
e o soutien apertado que lhe envolvia os seios  
dedicou Timessa, quando, ao décimo mês<sup>324</sup>, se libertou  
do terrível fardo da dolorosa gravidez.

### 273. À MANEIRA DE NÓSSIS

Ártemis, senhora de Delos e da amável Ortígia<sup>325</sup>,

---

<sup>321</sup> Cf. núm. 6.146.1, com nota.

<sup>322</sup> I.e., com disposição amável e cuidadora, não com os atributos da deusa caçadora.

<sup>323</sup> Ártemis.

<sup>324</sup> Vd. núm. 6.200.4 e nota.

<sup>325</sup> Nome primitivo de Delos, Ortígia designava também uma série de

depõe as flechas sagradas<sup>326</sup> no seio das Graças,  
banha o teu corpo puro no Inopo e vem [a nossa casa]  
libertar Alcétis das terríveis dores do parto.

#### 274. DE PERSES

Soberana protetora da infância! Este [broche nupcial]<sup>327</sup>  
e o diadema da sua cabeça de brilhantes tranças  
conserva, feliz Ilitia, os que recebeste de Tísis, muito  
agradecida por a teres livrado das dores do parto.

#### 275. DE NÓSSIS

Com alegria, estou em crer, Afrodite recebeu esta rede  
que para lhe dedicar Samita retirou dos cabelos;  
é bem entrelaçada e tem um doce cheiro a perfume,  
como esse com que a deusa unge o belo Adónis.

#### 276. DE ANTÍPATRO [DE SÍDON]

A jovem Hipe de farta cabeleira amarrou os seus longos  
cabelos e lavou as suas têmporas perfumadas;  
chegara-lhe o tempo de casar. Nós, os diademas no lugar  
do cabelo rapado<sup>328</sup>, reclamamos as suas graças virginais.  
Ártemis! Por tua vontade, seja o dia do casamento o da  
[maternidade

---

idades com culto a Ártemis instituído. No caso, deve tratar-se da pequena ilha em frente a Siracusa (terra de Nóssis), que a tradição aponta como local de nascimento da deusa – Apolo, seu irmão gémeo, teria nascido nove dias depois em Delos, nas margens do rio Inopo (v. 3).

<sup>326</sup> Como no núm. 271.4.

<sup>327</sup> Correção de Jacobs, adotada por Beckby, ao texto corruuto de P.

<sup>328</sup> Antes do casamento, as jovens rapavam a parte da frente dos cabelos.



para a filha de Licomedes que ainda brinca aos ossinhos<sup>329</sup>.

### 277. DE DAMAGETO

Para ti, Ártemis, a quem tocaram o arco e as flechas impetuosas,  
este cacho da sua cabeleira, junto ao teu templo perfumado  
de incenso deixou ficar Arsínoe, a jovem filha de Ptolemeu<sup>330</sup>,  
depois de o ter cortado das suas tranças sedutoras.

### 278. DE RIANO

O filho de Asclepiádes, Gorgo, ao belo Febo dedicou  
esta oferenda da sua cabeça sedutora<sup>331</sup>.  
Tu, Febo Delfínio<sup>332</sup>, sê propício, e faz com que o rapaz  
seja afortunado até à idade do cabelo branco.

### 279. DE EUFÓRION

Quando Eudoxo primeiro cortou as suas belas madeixas,  
a Febo ofereceu a glória da sua infância.  
Em lugar de tranças, senhor que lanças ao longe<sup>333</sup>, que a hera  
de Acarnas<sup>334</sup> sempre lhe enfeite a cabeça ao crescer.

---

<sup>329</sup> Ou seja, é ainda uma criança que vai casar, e para quem se pede a intervenção de Ártemis, para que de uma só vez a faça mulher e mãe.

<sup>330</sup> Filha de Ptolemeu III Evérgeta (ca. 280 a.C.-221 a.C.), o terceiro soberano da dinastia ptolemaica que governou o Egito entre 246 e 221 a.C. A filha, Arsínoe, foi dada em casamento ao irmão, Ptolemeu IV Filópator – que governaria entre 221 a.C.-205 a.C., data da sua morte –, com quem casou em 211 a.C.

<sup>331</sup> Uma vez mais, um cacho de cabelo.

<sup>332</sup> A partir do nome de um templo a ele dedicado em Atenas, o *Delphinion*.

<sup>333</sup> Epíteto de Apolo na *Iliada* (e.g. 1.14).

<sup>334</sup> Acarnas era uma zona rural próxima de Atenas. O verso significa, tão só, que possa dedicar-se aos concursos musicais – tutelados por Apolo – e por isso ser coroado de hera.

## 280. ANÓNIMO

Timárete, antes de casar, os seus tamborins, a bola que tanto amava, a rede que lhe apanhava os cabelos e as bonecas te dedicou, Ártemis Limneia<sup>335</sup>, como convém de uma virgem a outra, mais os vestidos das bonecas. Tu, filha de Leto, estende as mãos sobre a filha de Timáretes e piedosamente conserva piedosa essa jovem.

## 281. DE LEÓNIDAS [DE TARENTO]

Tu que dominas Díndimo e as montanhas aquecidas pelo sol da Frígia, Mãe venerável, a pequena Aristódice, a filha de Silene, faz que amadureça até chegar ao himeneu e ao casamento, limite derradeiro da juventude! Para isso, à entrada do teu templo e em frente ao altar agitou, de um lado para o outro, os seus cabelos virginais.

## 282. DE TEODORO

Para ti, Hermes, Calístenes pendurou o seu chapéu de lã de ovelha apertada e bem entrançada, a pregadeira de duas pontas<sup>336</sup>, a escova<sup>337</sup>, o arco tendido, a clâmide usada ensopada em suor, uma lança e a bola sempre no ar<sup>338</sup>. Aceita os presentes, dádiva de uma juventude bem conduzida.

---

<sup>335</sup> Ártemis era assim designada a partir do nome de um conjunto de localidades do Peloponeso.

<sup>336</sup> Que, lançada atrás das costas, segurava em dois pontos o manto ou a capa.

<sup>337</sup> Para limpar o suor e o pó dos exercícios na palestra.

<sup>338</sup> Todas as oferendas são símbolo da efebia do jovem que as dedica (sendo o mais evidente a clâmide, v. 4), no momento em que se oficializa a transição para a idade adulta.

- Páladas, de Alexandria (séc. IV): 6.60, 61, 85; 10.32?, 34, 44, 45-63, 65, 72-73, 75, 77-99
- Pánkrates (? , Grinalda de Meleagro): 6.117, 356
- Paulo Silenciário (séc. VI): 6.54, 57, 64-66, 71, 75, 81, 82, 84, 168; 10.15, 74, 76
- Perses, de Tebas/ Macedónia (séc. IV-III a.C.): 6.112, 272, 274
- Platão (séc. IV a.C.): 6.1, 43
- Raro (?): 10.121
- Riano, de Creta (séc. III a.C.): 6.34, 173, 278
- Sabino, o Gramático (?): 6.158
- Safo, de Lesbos (séc. VI a.C.): 6.269?
- Samos (ou Sâmio) (séc. III-II a.C.): 6.116
- Sátiro, ou Sátrio (?): 6.11; 10.6, 11, 13
- Símias, de Rodes (séc. IV-III a.C.): 6.113, 114?
- Simónides, de Ceos (séc. VI-V a.C.): 6.2, 50, 52, 197, 212-216, 217?; 10.105?
- Talo (ou Talos), de Mileto (séc. I): 6.91, 235
- Teeteto, de Cirene (? , Grinalda de Meleagro): 6.357
- Teeteto, o Escolasta (séc. VI): 6.27; 10.16
- Teócrito, de Siracusa (III a.C.): 6.336-340
- Teodóridas, de Siracusa (séc. III a.C.): 6.155-157, 222, 224
- Teodoro (? , Grinalda de Meleagro): 6.282
- Teógnis, de Mégara (séc. VI a.C.): 10.40, 113
- Tiilo (séc. I a.C.): 6.170; 10.5
- Timnes, da Cária ou de Creta (séc. III a.C.): 6.151
- Tímon, de Fliunte (?) (séc. III a.C.): 10.38
- Zonas (séc. I a.C.): 6.22, 98, 106
- Zósimo, de Tasos (?): 6.15, 183-185

**VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO AUTORES**  
**GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS**

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrío. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquíledes. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecífrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
45. Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida de Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva: *Plutarco. Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
46. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
47. Renan Marques Liparotti: *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
48. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
49. Maria de Fátima Silva: *Cáriton. Quéreas e Calírroe*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).



50. Ana Alexandra Alves de Sousa (coord.): *Juramento. Dos fetos de oito meses. Das mulheres inférteis. Das doenças das jovens. Da superfetação. Da fetotomia*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
51. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas de autores cristãos (livros I e VIII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, IUC, 2018).
52. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas eróticos (Livro V)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, IUC, 2018).
53. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas votivos e morais (livros VI e X)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, IUC, 2018).

O livro VI da *Antologia Grega* inclui 358 epigramas votivos, peças pouco extensas que, destinadas a ser gravadas ou exercícios poéticos sobre um modelo mais antigo, expressam as razões da oferenda a uma divindade de objetos do dia-a-dia do indivíduo que os dedica. Simplicidade e sinceridade são os termos que melhor resumem a maioria destes textos.

Quanto ao livro X, já apelidado *livro de Páldas* pelo elevado número de composições desse poeta nele incluídas, contempla 126 epigramas que devem ler-se como ponto de chegada de uma tradição antiquíssima de poesia gnómica e moralizante. Oscilam estas composições entre o mais luminoso dos otimismo e o mais extremo pessimismo, pesando o prato da balança, com distinção, para o último.